

ENTREVISTA

10 MAI 2005

“O povo olha para o Congresso e não se sente lá”, afirma FHC

CLAUDIO CONCEIÇÃO*
Rio

O esgarçamento da legitimação do poder público no Brasil, que poderia levar a uma grave crise institucional, é uma das maiores preocupações do ex-presidente Fernando Henrique Cardoso, potencial candidato à sucessão presidencial em 2006 pelo PSDB. “Não sou candidato, embora muitos assim o desejem. Alguns até pediram para que assinasse um compromisso dizendo que não sou candidato à Presidência. Isso não farei. Sei dos meus propósitos, mas a política muda”, diz em entrevista concedida à revista *Conjuntura Econômica*, que circula nesta semana.

Preocupado com a questão da segurança pública que, segundo ele, deve passar a ser a agenda central do Brasil, “já que o sistema está podre com corrupção no Judiciário e na polícia”, Fernando Henrique não esconde o seu ceticismo em relação à inserção do Brasil no mundo globalizado.

Segundo FHC, o Mercado Comum do Sul (Mercosul) agoniza, não há acordo com a Área de Livre Comércio das Américas (Alca), embora os Estados Unidos venham fazendo acordos paralelos com vários países. “E não avançamos nas negociações com a União Européia. Estamos ficando cada vez mais isolados”. A seguir, alguns trechos da entrevista:

Há críticas em relação ao rigor com que a meta inflacionária vem sendo tratada, o que estaria levando a uma asfixia da economia. Ao mesmo tempo, algumas reformas não estão sendo feitas. Qual sua avaliação sobre isso, já que em seu governo a preocupação inflacionária também foi uma constante?

Fernando Henrique Cardoso - Eu acho que nós estamos numa situação equivalente àquela que eu próprio encontrei quando tínhamos o câmbio como amarra de tudo. A taxa de câmbio era olhada o tempo todo e a taxa de juros era usada para atrair recursos. Depois conseguimos sair dessa armadilha, com muita dificuldade. Mas agora, como as reformas pararam, o déficit está aumentando, o déficit da Previdência é grande.

Outro problema é a baixa taxa de investimento na economia, inferior a 20% do PIB.

FHC - Sem investimentos e sem um desafio por causa da renda das exportações entrando, temos uma permanente pressão inflacionária. Começa aumentar a demanda, não teve um aumento muito grande de oferta. Aí o pessoal começa a segurar nos juros. Se não segurar nos juros, a inflação bate de novo.

Mas esse aumento das exportações tem se mantido às custas de um câmbio favorável.

FHC - Agora vai piorar. Nós temos perdido no Brasil certas janelas de oportunidades. Perdemos nos anos setenta por causa dos tigres (asiáticos). Depois quando houve abundância de capitais lá fora estávamos sufocados com as consequências da crise do petróleo e da inflação que veio em seguida. Agora, de novo, houve abundância de capitais. E nós não fizemos as modificações para aproveitar isso e aumentar os investimentos aqui.

Seriam as reformas que não andaram?

FHC - Começa a desaparecer do horizonte essa abundância de capitais. Os recursos não virão se não fizermos as reformas. Isso estruturalmente. Não sou economista. Mas acho que não está muito claro que dá para segurar a inflação em função dessa taxa de juros. Talvez as metas do

Banco Central estejam muito apertadas. Eu sempre fui muito cauteloso nessa matéria.

O senhor é favorável à fixação de metas de inflação?

FHC - Sou e acho que esse sistema está funcionando. A discussão é saber qual é a meta ideal. O Banco Central tem mudado a meta, ela não é totalmente rígida. Como estava dizendo, tudo são janelas de oportunidade. Em certos momentos o rigor da taxa de juros corta uma certa onda de otimismo necessária para os investimentos. Não é uma questão técnica. É uma questão quase de política. Isso aconteceu comigo, mais de uma vez o Banco Central subiu a taxa de juros. Eles têm suas razões para isso, com as quais concordo, mas isso tem que ser olhado dentro de um



F. H. Cardoso

contexto mais amplo, achar a dosagem certa.

Quais as principais questões que o senhor acha que o país deve enfrentar?

FHC - A reforma política. Segurança e Educação.

Onde estamos mais atrasados?

FHC - Eu disse uma vez, cheio de maldade, que tinha resolvido a questão da inflação e que o Lula teria que resolver a da Segurança. Porque é mais fácil resolver a inflação. Isso não é uma tarefa para um governo. É de convergência. É de corrupção do Judiciário, da polícia. O sujeito está preso e comanda o crime. O sistema está podre. Essa questão passa a ser central na agenda do Brasil. A nossa Constituição dá o poder de polícia muito mais ao governador.

O povo não acredita mais nas instituições políticas?

FHC - Dá a sensação que o povo olha para o Congresso e não se sente lá. Apesar disso, não vai haver reforma política dentro do Congresso. Não passa.

Por que não passaria?

FHC - Há muitos interesses. Isso só ocorreria se houvesse uma crise mais grave ou que alguém se apresente como candidato à Presidência, o que não sou, quero deixar bem claro.

Mas seu nome está em todas as listas...

FHC - Mas não sou. Esse candidato, uma vez eleito, iria submeter a plebiscito tais, tais e tais matérias. A população tem que se sentir mais próxima desse sistema. E quando ela vê as notícias na imprensa, fica mais distante ainda.

O senhor não é candidato a nada? Nem ao governo do Estado de São Paulo?

FHC - O PSDB tem muitos candidatos. É bom para o Brasil haver renovação. Já tive muito poder na República. Isso dá muito cansaço. Para dirigir esse país você precisa ter muita energia física.

O que o senhor tem de sobra.

FHC - Por enquanto tenho. Mas, daqui a alguns, anos não sei. Não acho que seja necessário. Vou continuar ajudando o país e ao meu partido. Acho que os candidatos que existem em meu partido que são o Aécio (Neves), o Geraldo (Alckmim), o Serra (José), que seria o mais forte, mas não creio que se deixe ir. Ainda tem o Tasso (Jereissati) e o Perilo (Marconi). Mas eles não estão com medo de mim de eu querer ser. Bom, podem dizer que tenho força no partido. Nunca fui de ter força no partido.

* Especial para a Gazeta Mercantil